

Vemos a barra da carga
 Dos conflitos atuais;
 A barra do sofrimento
 Que avança cada vez mais;
 A barra dos namorados
 É a mais pesada de todas,
 Porque muitos querem filhos
 Antes do tempo das bodas;
 Pela barra dos protestos,
 Que se ampliam, de hora em hora,
 É que aparecem problemas
 E o trabalho vai-se embora.
 Em meio de tantas barras,
 Vivamos fazendo o bem,
 Assim, não seremos barras
 Para atrasar a ningüém.

ENCABULADO

Você me pergunta em carta,
 Meu caro Antônio Garcia,
 Sobre o amor livre na Terra,
 No sexo de hoje em dia.
 O que dizer, meu irmão?
 Eis neste assunto o que sei:
 O sexo sem controle
 Inventa o amor sem lei.
 Recorde o antigo provérbio:
 “Na casa em que não há pão,
 Todos reclamam comida
 E se agitam sem razão.”
 Exalta-se em toda parte
 O corpo por nobre centro
 Com muito sexo por fora
 E muito chulé por dentro.

Tanto o homem pulou cercas,
 Nas cercas em derredor,
 Que a mulher quis imitá-lo
 E a luta ficou pior.
 Tanto a mulher se descobre,
 Que o homem fica a pensar,
 Se deseja estar na rua
 Ou mesmo se quer um lar.
 Sexo livre? Amor livre?
 Garcia, não falarei,
 Diga aos nossos que sou morto
 E por isso nada sei.

O CASO LIBÓRIO

Libório, depois da festa,
 Chegou, reclamando em casa,
 Cambaleava e gemia,
 Mostrando os olhos em brasa...
 Despejou-se numa cama,
 Desvestiu-se sem cautela
 E passou a vomitar
 Saliva grossa e amarela.
 Gritava com dor no ventre,
 Dizia-se com tonteira,
 O coração disparava
 Com tremenda batedeira.
 Excedeu-se na festa,
 Devorando peixe assado,
 Com batida de limão
 Num grande copo de lado.